

LETRAMENTO VISUAL: CAMINHO PARA A CRIANÇA SURDA CHEGAR À ESCRITA

Dayse Garcia Miranda

UFOP –Universidade Federal de Ouro Preto

dayselibras@gmail.com

O presente trabalho propõe apresentar uma pesquisa - Projeto de Iniciação Científica, realizado em 2016, Departamento de Letras da UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, relevante explicitar que essa pesquisa foi realizada por dois alunos do curso de Letras, na modalidade Licenciatura em Língua Portuguesa, ambos inscritos em editais diferentes, sendo um aluno bolsista (Edital 9/2015 – PROBIC/FAPEMIG /UFOP) e um aluno voluntário (Edital 10/2015 – PIVIC-1S/UFOP 2016-17). Investigou o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2), a partir do uso da Língua de Sinais (LS) como base comunicativa, em uma escola da rede municipal de ensino regular da cidade de Mariana-MG, que possui alunos surdos incluídos nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Dentre vários aspectos que preocupam a Educação e os educadores surdos está a maneira de ensinar esses alunos a ler e escrever em uma outra língua, nesse contexto, a Língua Portuguesa (LP), modalidade escrita. Para a coleta de dados, desenvolvemos uma investigação com perspectiva etnográfica, ou seja, que apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas ocorridas durante o evento da pesquisa. O trabalho com os alunos iniciou-se no mês de abril de 2016 e findou-se ao mês de dezembro de 2016, foram contabilizados 24 (vinte e quatro) encontros, organizados semanalmente e cumprindo a carga horária total de 60 (sessenta) horas. Intencionou-se um trabalho diferenciado ao realizado em sala de aula e sem a intermediação do intérprete de Libras. Enfatiza-se que foi determinante durante todo o processo de ensino–aprendizagem da língua portuguesa (L2) o uso da Libras – Língua Brasileira de Sinais - como língua dominante. Desta forma, assegura-se que o uso da língua de sinais, em todos os âmbitos e idades, proporciona condições efetivas de desenvolvimento da linguagem e o aprimoramento cognitivo pela pessoa surda. Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo e sim a falta de acesso a uma língua. Sua ausência tem consequências sérias e compromete o desenvolvimento da capacidade mental. A Libras facilita a compreensão desses alunos no processo de aprendizagem da segunda língua (L2), língua portuguesa. A fundamentação teórica deu-se a partir dos modelos princípios e diretrizes de: QUADROS (1997); PEREIRA (2009); ROJO (2001, 2009); KLEIMAN (1995, 2007); LEBEDEFF (2007, 2010). Assim, muito se investiga quanto as estratégias e métodos de ensino de leitura e de escrita no processo de construção da LP na sua modalidade escrita. O surdo não percorre o mesmo caminho que uma criança ouvinte; isto é, não há uma relação entre a fala oral e a escrita, embora identifique resultados e práticas que se apoiam em recursos da oralidade, proporcionando, assim, fracassos na escrita. A partir dos apontamentos de Rojo (2001), Kleiman (1995) e Lodi (2004), afirma-se que as práticas de letramento têm início antes da criança conceber uma aprendizagem formal da escrita, desenvolvidas em

diferentes contatos em eventos de letramento. Eventos estes que influenciam o desenvolvimento das crianças que passam a se relacionar com a linguagem escrita, constituindo sujeitos letrados. As autoras Gesueli e Moura (2006) salientam quanto a importância da imagem e do visual no processo de construção do conhecimento de alunos surdos e propõem que os educadores envolvidos no processo de escolarização de surdos reflitam sobre o tema no que se refere à apropriação de conhecimento. Ana Regina Campello, no artigo “Pedagogia visual” (2008), já tratava da importância de ampliar a produção de materiais didáticos que utilizassem mais recursos visuais e salienta: “Isso é chamado de semiótica imagética, que é um estudo novo, um novo campo visual onde se insere a cultura surda, a imagem visual dos surdos, os olhares surdos, os recursos visuais e didáticos também.” (p. 106). Neste caso, pela perspectiva visual pode-se considerar que para as crianças surdas, o letramento visual precisa ser compreendido a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Posto isso, torna-se plausível refletir que os surdos percebem e se representam no mundo através do campo visual e gestual, confirmando, assim, que a significação não acontece, isto é, não é processada pela audição. Deste modo, orientando-se pela proposta do Letramento Visual no ensino da PL2, modalidade escrita buscou usar materiais didáticos que se apoiaram, especificamente, em recursos visuais (Libras/imagem). Para esta apresentação pretende explanar quanto atividades desenvolvidas a partir da história elaborada por Nelson Pimenta, “O Homem que queria virar cachorro”, disponível em <https://youtu.be/UvQnMwF6-gM>, e os recursos visuais que apoiaram a compreensão desta história. Concluiu-se que, é fundamental, garantir à criança surda o acesso à língua de sinais o mais cedo possível, apoiada, constantemente, aos elementos imagéticos os quais irão fornecer condições para que a criança surda possa refletir acerca da própria língua e assim acessar a segunda língua. Confirma-se que o letramento visual permitiu os alunos surdos desenvolverem estratégias para interpretar e entender o que é visto/lido pela língua de sinais, ofereceu a condição de ler a imagem como texto e de considerar as pistas visuais de um contexto para chegar a segunda língua. Encerra-se com Kress e Van Leuween (1996) a afirmação de que as imagens podem ser lidas como um texto. Desse modo, conceituam o letramento visual como a habilidade de interpretar a informação visualmente apresentada, baseando-se na premissa de que as imagens podem ser lidas e que seu significado pode ser decodificado através de um processo de leitura.

Palavras Chave: surdos; letramentos; visual.

Referencias

CAMPELLO, A.R.S. “Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos”. In: *Estudos Surdos II*. (Org). QUADROS. R.; PERLIN, G. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2008.

GESUELI, Z. e MOURA. L. “Letramento e surdez: a visualização das palavras”. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.110-122, jun. 2006.

KLEIMAN, A. “Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola”. In: KLEIMAN, A (Org). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. “Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna”. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. New York: Routledge, 1996.p. 321.

LEBEDEFF, T. B. “Alternativas de letramento para crianças surdas: uma discussão sobre o shared reading program”. UPF – GT: Educação Especial / n. 15. 2007 Agência Financiadora: CAPES

_____. “Aprendendo a ler ‘com outros olhos’: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos”. *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010.*

PEREIRA, M.C.C. O papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. *Secretaria da Educação, CENP/CAPE-SP, 2009.p 108.*

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.p.128

ROJO, R. H. R. “Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gênero do discurso?” In: SIGNORINI. I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Editora Parábola, 2009.p.128